

PONTOS NUCLEARES PSÍQUICOS – CONTINUAÇÃO – O PROCESSO NO AGORA

Saudações a todos os meus queridos, queridíssimos amigos aqui presentes. Que todos vocês recebam as bênçãos, a força e o amor que brotam em resultado do esforço e compromisso combinados ao seu ser mais profundo. Nesta palestra, vou dar prosseguimento ao tópico iniciado da última vez. Mais uma vez peço que vocês abram totalmente a sua sensibilidade e intuição para entenderem, pelo menos até certo ponto, o profundo significado desta palestra. Participar apenas com o intelecto não lhes dará uma compreensão adequada da profundidade deste tema. E também, como na última palestra, o que a princípio pode parecer um conhecimento cósmico puramente abstrato sobre os processos criativos levará, quando o investigarem e se me acompanharem o tempo todo, à segunda parte da palestra e se revelará clara e imediatamente aplicável à vida de vocês no aqui e agora. Seus processos interiores vão ficar mais compreensíveis quando entenderem, seja no grau que for, de que maneira esses processos se relacionam diretamente com os processos cósmicos maiores de existência contínua, sendo parte deles.

Na última palestra, expliquei os pontos nucleares psíquicos e as configurações espirais nucleares psíquicas. Vou fazer uma breve recapitulação para facilitar a compreensão desta palestra.

Cada uma das menores partículas da criação compreende uma série infinita de configurações psíquicas nucleares espirais, que são intensos movimentos de energia cujo clímax provocam a manifestação daquela criação específica, seja no nível de realidade que for. Cada uma dessas configurações consiste em uma série de eventos psíquicos – de conteúdo de consciência. Em outras palavras, esses movimentos de energia não são apenas construtos mecânicos que existem em separado da mente. São sempre expressões da mente – mentes maiores ou menores, conforme o caso. Cada criação tem sequências de diversas dessas configurações que se entrelaçam, se entremeiam, se sobrepõem, se formam, se reformulam, se criam e desintegram e se recriam em padrões sempre autorrenovadores, perpetuadores, expansivos, de configurações espirais em interação. Cada padrão pode parecer, e ser, uma criação em si mesmo, muito diferente e com um propósito definido em seu marco mais estreito. No entanto, ao mesmo tempo, cada um deles faz parte de um plano maior de padrões propositais de criação.

Vou dar a vocês um exemplo simples no plano físico. Vamos supor que decidam se levantar da cadeira, andar pela sala, descer as escadas e caminhar até a esquina da rua – com um objetivo qualquer. Esse plano total é uma configuração, uma espiral. Ao chegarem ao seu destino, o ponto de explosão, de clímax, corresponde à manifestação do plano. Essa criação específica fez sua aparição nesse nível de realidade. No entanto, antes de se concretizar esse resultado, vocês precisam dar um certo número de passos. Cada passo é em si mesmo um plano, uma intenção de movimentar deter-

minados músculos, porque, mesmo que a esta altura vocês consigam movimentar esses músculos automaticamente, a intenção continua existindo. A intenção, o movimento e a execução da intenção seguem um determinado plano. O plano, juntamente com a execução em cada partícula, cria muitas configurações especiais menores, completas em si mesmas (os termos pequeno ou grande não são apropriados nesse nível de realidade, mas eu os uso por falta de palavras melhores na língua de vocês). Cada passo é a criação de uma forma espiral e de um ponto final nuclear psíquico, completos, com conteúdo de consciência, propósito, plano e execução. O percurso total consiste nessa forma total “maior”, formada pelas formas “menores” (cada um dos passos). Mas o trajeto daqui até a esquina também não é uma criação isolada. Também faz parte de um projeto maior, um plano, um propósito, uma intenção da qual o percurso é tanto uma criação parcial quanto o passo é uma criação parcial do percurso daqui até a esquina. É muito importante entenderem essa fórmula, porque ela representa o próprio plano da criação.

Vamos tomar outro exemplo. Suponhamos que vocês queiram construir uma casa. O mesmo princípio se aplica. Um grande número de formas parciais, criativas, espirais convergem para um todo, que por sua vez também é apenas parte de um plano maior. Assim, no planejamento da casa, primeiro vocês precisam trabalhar uma série de anos para conseguirem comprar o terreno, e depois contratar um arquiteto que projeta a casa. O arquiteto, por sua vez, precisa executar seu próprio plano: contratar um empreiteiro que organiza o trabalho com vários subempreiteiros, que precisam cooperar entre si, e depois trabalhadores e decoradores de interiores, até a casa ficar pronta. Cada um passa por um número infinito de uma série de pontos nucleares psíquicos que interagem, cada um totalmente completo em si mesmo, e o todo que os engloba passa a fazer parte de um plano maior, e assim por diante. Cada passo, na suas menores partículas, é uma criação em si mesma. Cada “pequena” criação é uma explosão de uma formação espiral psíquica. A criação maior consiste em muitas criações menores, que se ampliam. Por exemplo, a finalidade da própria casa é apenas um passo infinitesimal de uma série maior de fatos criativos entrelaçados. Vocês mesmos podem deduzir, com um pouco de imaginação, como essa casa é relativamente apenas um passo pequeno de um plano maior. Esse plano maior também é apenas um passo infinitesimal de um plano ainda maior – que é uma vida humana quando a consideramos por todo um período de seu movimento espiral evolucionário.

Esse é um processo muito importante para vocês visualizarem intuitivamente. Os exemplos que dei são muito simples. No entanto, mesmo nesses exemplos simples talvez vocês possam imaginar como muitos pontos nucleares psíquicos existem e tecem toda uma rede de pontos nucleares psíquicos maiores, que por sua vez se movimentam, criam, explodem, se desintegram, se reúnem em um novo padrão significativo relacionado ao plano maior. Procurar imaginar o significado e a finalidade, para vocês inimagináveis, que estão por trás desses planejamentos, pode lhes dar um vislumbre da mente divina funcionando em todos os tempos, com sua sabedoria e poder de criação benignos e amorosos. O entendimento desses princípios, mesmo em pequeno grau, vai dar a vocês outro insight, ou seja, que mesmo um ato insignificante como caminhar daqui até a esquina da rua é, de fato, uma criação. É necessário o mais brilhante gênio criativo para colocar em movimento os sistemas de energia, a coordenação e o controle muscular, além dos inúmeros componentes requeridos para executar esse ato criativo com tudo que faz parte dele. E caminhar daqui até a esquina da rua não é uma criação isolada. Vocês precisam ter um motivo para caminhar até lá e esse motivo também é apenas uma pequena parte de um plano maior. Essa interligação, em constante aceleração, esse processo de padrões criativos, de autoperpetuação, que se amplia, sendo cada fragmento perfei-

to em si mesmo, e cada fragmento apenas uma parte de um fragmento maior, e assim por diante, é um vago esboço do processo criativo, sempre em ação.

Imaginem a criação de um planeta, da anatomia humana, de um sistema matemático, das qualidades literalmente infinitas contidas no éter, e mesmo com isso vocês não poderão perceber, senão vagamente, quantos sistemas inteiros de criação, sistemas dentro de sistemas maiores, estão contidos na criação de cada um desses exemplos. Não pode haver a menor partícula de ar que não seja, em si mesma, uma criação perfeita de um ponto espiral nuclear psíquico e de uma explosão de um clímax. Cada uma dessas partículas faz parte de um projeto maior, como mostrei com outros exemplos. Quero somente transmitir a vocês que a menor ou a maior criação – do seu ponto de vista – passa pela mesma lei de série que é a base da própria criação. É por isso que me repito. Vou ajudar vocês a perceberem esse processo quando considerarem a sua configuração interior, as suas reações e as criações da sua mente. Pois naturalmente existem os mesmos princípios com as criações positivas e negativas.

Como o universo está cheio de ser, não pode haver nem um minúsculo pedaço que seja não ser. Pois bem, cada um desses pontos nucleares tem um conteúdo e um significado. Eles não são separados da consciência. São parte integrante e resultado da consciência. Quando entenderem o significado interior de um ponto nuclear, quando perceberem um ponto espiral, entendendo plenamente seu significado e finalidade, sua mensagem, vocês terão transcendido, até certo ponto, os estreitos limites nos quais vêm o mundo fora de contexto. Agora, quanto menos virem que essas criações parciais menores são apenas partículas fragmentárias de um todo, quanto mais acreditarem que a partícula menor é tudo que existe e não tem ligação com nada mais – simplesmente porque não conseguem perceber mais, tanto mais fragmentados vocês mesmos serão, na sua consciência momentânea ou senso de percepção. Quando digo momentânea, estou me referindo ao período em que habitam nas estreitas fronteiras das limitações humanas.

Inversamente, quanto mais perceberem que tudo que podem experimentar é apenas uma parte menor, um fragmento de um plano maior e de um plano permanente ainda maior – como um passo que dão como parte da caminhada toda, sendo a caminhada um fragmento de um plano maior na mente de vocês – tanto mais estarão cientes e ligados à Consciência Total, ao Todo. Portanto, mais perto estarão da bem-aventurança.

O próprio tempo é uma manifestação dessa fragmentação. Pois o tempo, como eu já disse muitas vezes, nada mais é que a ilusão de uma visão desconectada da realidade. No referencial deste tópico específico, o tempo é a percepção apenas dos passos parciais, das unidades criativas “menores” de pontos espirais nucleares, sem ver a estrutura toda dessa partícula. É por isso que o homem tem com tanta frequência a sensação de falta de sentido. Quando seu estado de consciência é limitado, ele está de fato fragmentado e ignorante do processo maior.

O tempo, de acordo com o estado de consciência do homem, é vivenciado como uma sequência e não como parte de um todo – o todo é vivenciado não linearmente, mas de maneira completa, infinita em amplitude, profundidade e largura, em dimensões que a mente humana não consegue nem ao menos perceber a esta altura de seu desenvolvimento. Cada momento do tempo, para falar nos seus termos – cada momento do ser, para falar nos meus termos – é em si mesmo uma construção nuclear psíquica com significado e consciência, contendo um projeto com um sentido. Cada fragmento de segundo é isso. Se vocês enfileirarem segundo após segundo após segundo – não

apenas sequencialmente, mas também em profundidade e largura – poderão perceber que não existe tempo nenhum e que aquilo é um ponto da criação que não tem fim e está sempre lá. E é isso que podemos chamar de “ponto agora”.

Não é totalmente impossível, no atual estado de desenvolvimento do homem, perceber ocasionalmente o ponto agora – ter uma ideia dele. Mas isso requer estados muito mais elevados de consciência, que precisam ser adquiridos. A humanidade, como um todo, está apenas saindo do jardim da infância. Quando a consciência aumenta e amadurece um pouco, e portanto passa a perceber a vida não apenas como o fragmento imediato e óbvio, mas em vez disso percebe que o fragmento faz parte de um fragmento maior, e assim por diante, então a consciência se prepara para experimentar o ponto agora. Uma pessoa pode ter vislumbres apenas ocasionais dessa percepção, mas que serão suficientes para deixar marcado em sua mente que a vida é muito mais do que as experiências imediatas de vida.

Estar no ponto agora significa estar completamente no agora. É sobre isso que vamos falar na segunda parte desta palestra. É somente quando estão no eterno agora que encontram a verdadeira ventura, que estão verdadeiramente seguros, sem medo e totalmente certos – não como um desejo em que se quer acreditar, mas como uma certeza interior absoluta, realista e justificada, como um fato – do belo significado da vida que é um continuum, que não para simplesmente porque determinadas manifestações temporárias parecem parar. Esse senso de eternidade é a verdadeira ventura. Pois quando não existe medo, há uma descontração total. A palavra “descontração” pode ser enganosa e eu hesito em usá-la, mas a linguagem humana é limitada, e precisamos fazer o melhor que pudermos com os termos disponíveis. Portanto, talvez seja bom explicar um pouco o que quero dizer. Um estado de completa ausência de medo, sem contração e tensão, é o estado que torna a personalidade suscetível à ventura que sempre existe no universo. Esse estado, no entanto, está longe de ser passivo. A falta de tensão não implica flacidez, falta de movimento. É um estado em permanente movimento no qual as mudanças pulsantes da tensão, num sentido diferente, alternam-se com abertura e total receptividade. No sentido humano comum, a flexão está associada a retesamento e defesa. No estado puro, o retesamento é uma espécie de carga, para dar vazão ao movimento criativo que se segue. Esse movimento de alternância entre carga e descarga é um todo criativo que faz a entidade participar da criação. Ambos os movimentos são descontraídos no sentido de não conterem medo nem defesa. Eles expressam um estado de profundo conhecimento de que vai tudo bem no universo.

Esse estado é imensamente venturoso. No fundo do coração de todos os seres humanos, o anseio por essa ventura não pode jamais ser extinto. E quando o homem fragmenta sua consciência e cria a falsa realidade do mundo tridimensional, por dentro ele continua ligado à realidade maior do ser eterno e ao ponto agora eterno. Sua consciência manifesta busca constantemente esse estado, quer a pessoa saiba ou não disso. Essa busca é, ela própria, a força motivadora do crescimento, da procura, do movimento, da aceitação das dificuldades temporárias, sempre criadas pelo eu, percorrendo-as como se fossem túneis para livrar o eu da obstrução. Como todos sabem, para isso é preciso uma força motivadora. Pois vocês oscilam constantemente na luta entre querer movimentar-se e seguir o anseio ou resistir ao movimento e desistir daquilo que seu coração sabe que existe. Essa é uma luta enormemente importante que toda entidade, sem exceção, acaba travando. Em um período da subida evolucionária, a luta é vencida. É feito um compromisso com o movimento, mesmo que ele pareça acarretar momentaneamente desconforto e dificuldade. Claro que isso é uma ilusão. O que representa desconforto e dificuldade existe e se manifesta fatalmente, quer ou não a entidade

decida caminhar em direção a seu destino interior. Seguir esse movimento é a única maneira real de entender a dificuldade e, portanto, eliminá-la de fato. A negação da dificuldade dá a impressão temporária de que ela foi eliminada, e desse modo passa a existir mais uma ilusão, a de que a dificuldade foi criada em resultado da decisão da entidade de olhar para dentro, na direção do eu real.

O esforço para alcançar a bem-aventurança é a força motriz, a força motivacional que faz pender a balança interior entre o movimento e a estagnação, a realidade e a ilusão, a satisfação e o desespero, para o lado do movimento, da realidade da satisfação. Isso ocorre necessariamente, num momento ou em outro. No entanto, o homem também procura atalhos. Às vezes, quer atingir a satisfação do anseio sem pagar o preço. O preço é a labuta da procura, da busca e da descoberta, do aprendizado, do crescimento, da mudança, da autopurificação, da travessia da dor e do mal criados pelo próprio eu.

Vamos agora considerar brevemente quais podem ser esses atalhos. Dos vários possíveis, vou citar alguns. A atividade sexual pode ser um atalho. A experiência sexual muitas vezes traz a sensação do agora venturoso, embora raramente essa sensação dure muito. Quando a sexualidade é uma fuga dos problemas, das dificuldades, dos aspectos desagradáveis da realidade, ela constitui um meio vulgar de atingir um simulacro da ventura universal que o coração sabe que existe. É claro que, como todo simulacro, não pode funcionar. No melhor dos casos, a ventura será muito ilusória e de muito pouca duração. Quando o estado universal de bem-aventurança do agora eterno é atingido por meio do crescimento honesto, a união sexual é simplesmente uma de suas expressões, em resultado do relacionamento de dois seres no nível mais profundo, mais verdadeiro, fundindo sua espiritualidade, seus eu - emocionais, suas mentes, seus corpos físicos. A ventura daí resultante é um antegozo do ponto agora. Em outras palavras, há uma experiência transitória do ponto agora.

A falsa busca mais notória do ponto agora são as drogas. De fato, o uso de drogas elimina as fronteiras físicas, tridimensionais, revelando assim a realidade por trás da grande cortina. Mas quando essa revelação ocorre sem que tenha havido uma conquista, que torna o estado de consciência compatível com essa experiência, o preço é alto. Acho que nem é preciso ilustrar esse ponto. O mesmo se aplica ao álcool, naturalmente. Trata-se sempre de uma combinação de dois aspectos da personalidade. Por um lado, há um grande ímpeto para atingir o estado de bem-aventurança, do qual uma parte da personalidade “se lembra” e deseja e, por outro lado, há uma resistência ao trabalho que deve ser feito. A tentativa de conciliar esses dois lados é a causa dos falsos meios de atingir o ponto agora. A queda do estado de bem-aventurança é então mais dolorosa, e o estado de consciência normal, física, é mais sombrio. Nas Escrituras, muitas vezes a queda dos anjos é simbolizada como um fato ocorrido uma única vez. Mas é uma realidade fora do tempo que ocorre sempre que o estado fragmentado de consciência acontece em resultado da violação de alguma lei espiritual. A falsa busca do ponto do agora é uma violação na medida em que se quer o resultado sem pagar o preço. Querer estar no céu sem estar pronto para encará-lo faz a personalidade despencar no inferno.

Os exercícios de meditação são outro meio muito usado pelo homem para atingir o estado de bem-aventurança. À primeira vista, esta poderia parecer uma busca honesta, pois quase sempre acarreta uma longa prática de exercícios de concentração e às vezes até um modo de vida muito ascético que supostamente prepararia a personalidade para a experiência. Mas, em muitos casos, isso também é uma ilusão. Os jejuns prolongados, os exercícios de concentração, os cânticos e a reiteração auto-hipnótica de frases de meditação podem, de fato, gerar resultados. Pode haver uma experi-

ência temporária que revela o grande mundo por trás da cortina. Mas se todas essas práticas forem substitutos da busca por si mesmo, da autopurificação, da mudança das profundas distorções, elas serão, em essência, semelhantes às vias de escape mais flagrantemente destrutivas, como as que mencionamos anteriormente. Se os exercícios de meditação forem mecânicos, esse caminho será sempre ilusório. Somente quando o ponto agora for o resultado de um desenvolvimento conquistado vagarosamente é que novas percepções serão realmente suas. Caso contrário, vão gastar muita energia em algo que não pode ser mantido de maneira desvolta e que acabará fatalmente se separando das partes não desenvolvidas que são então expulsas da consciência. Assim, há uma enorme contradição. O ponto agora venturoso é verdadeiramente o resultado da unificação. Se essa unificação não for obtida honestamente e forem buscados atalhos, em vez da unificação, ocorrerá uma divisão ainda maior. De fato, nesse caso a personalidade começa muito menos dividida do que acaba ficando, depois de passageiramente apreciar e saborear pontos agora venturosos por meios artificialmente induzidos. Incluo os exercícios e práticas mecânicas entre esses meios.

Existe apenas uma maneira segura de atingir o ponto agora venturoso, a revelação da realidade em suas dimensões ilimitadas, e essa maneira é cumprir a tarefa que os trouxe à terra. Somente um caminho como este pode ajudar vocês nesse sentido. Vocês precisam aprender a examinar a sua dor – a dor da sua ilusão, das suas culpas, do seu lado não desenvolvido. No fim das contas, tudo se resume a isso.

Qual é realmente a natureza do estado quando se perde o ponto agora? É não ter consciência, é estar apartado da realidade espiritual. É a ideia de que a realidade temporária que criaram, uma realidade ilusória (para usar uma expressão aparentemente paradoxal), é a realidade.

Chegamos agora à parte fundamental desta palestra. Eu disse anteriormente que estar no ponto agora é estar consciente, intensamente consciente, do significado do ponto agora. Sempre que se afastam do ponto agora, vocês perdem o significado dele, perdem a consciência do significado dele. Vocês, então, criam uma falsa realidade sobreposta. Isso acontece de várias maneiras. Em primeiro lugar, não estar no agora eterno, em termos de tempo, se deve a estar ou no passado ou no futuro – não no presente, no presente infinitesimal. Pode-se estar no presente até certo ponto, mas mesmo assim não haver consciência verdadeira do ponto agora. Quando vocês estão no futuro, vocês estão à frente em cada minuto – talvez no minuto seguinte, na hora seguinte, no dia seguinte, ou mesmo em algum distante “futuro”, sonhando como deverá ou poderá ou deveria ser um determinado dia, por mágica, mas vocês passam ao largo do ponto agora que poderia proporcionar a vocês a chave para efetivamente caminhar em direção ao almejado ponto futuro. Ou então, vocês se apegam a algo do passado que determina as suas vidas, muitas vezes sem o seu conhecimento.

O trabalho do caminho os coloca em contato com os dois. Muitas vezes vocês percebem, à custa de muito esforço, como o passado os influenciou. Por exemplo, vocês reagem a uma coisa que acontece agora como se ainda fosse o passado, e com essa visão distorcida acabam acreditando de fato que o acontecimento precisa ser igual ao que ocorreu no passado. Não que essa crença seja verbalizada. Se fosse, vocês estariam mais perto do ponto agora. O fato de estarem convencidos de que a reação presente é adequada ao agora representa a sua alienação do ponto agora. O grau dessas sobreposições do passado ao presente é muito, muito mais forte do que até vocês, meus amigos, percebem. E vocês já viram alguma coisa nesse sentido. À medida que crescerem, vão ter mais consciência dessa “projeção temporal”. O que muitas vezes acreditam serem atos livres determinados pelas situações atuais não são absolutamente atos de sua livre escolha, e sim determinados por aconteci-

mentos e reações que tiveram, e que podem ou não ter sido adequadas no passado. De qualquer forma, não são adequadas agora e resultam em distorção da realidade, e assim numa falsa criação que impede a ligação de vocês com o agora real.

Da mesma forma, quando vocês encaram objetivamente sua vida, vêem o quanto os seus desejos e anseios pelo futuro determinam sua experiência – e, portanto sua falta de experiência profunda verdadeira – agora. Assim, vocês perdem o ponto agora em resultado do passado e do futuro que os desligam, por assim dizer, pelos dois lados. Simplificando, essa falta de consciência do que realmente acontece cria uma ilusão temporal. Ou, dizendo de outra forma, a falsa realidade, a falta de autopercepção cria fragmentação e desligamento.

No entanto, estar no ponto agora, entender seu significado, não viver no passado nem no futuro não é algo que possam determinar diretamente com a mente, mediante um ato de vontade. O ato de vontade tem uma função, mas é necessariamente no sentido de estabelecer a autopercepção em todos os pequenos aspectos que não querem encarar e tratar. Somente então vocês serão verdadeiros, somente dessa forma poderão estabelecer um senso da realidade. E somente em consequência disso é que um novo senso de atemporalidade surgirá espontaneamente, sem esforço, quando menos esperarem. Virá como um subproduto da busca da sua verdade. Somente indiretamente, como resultado da autoinvestigação, é que o passado deixará de ser o presente. Nesse momento, vocês vão confiar totalmente no futuro, porque saberão que ele só pode ser um prolongamento do agora. Se vocês forem totalmente verdadeiros no agora, construirão um “futuro” (nos termos de vocês) no qual poderão confiar plenamente. Assim, não precisarão se entreter com seus desejos para o futuro, porque não precisarão fugir do presente. O eterno agora assumirá uma nova realidade.

Outras maneiras como perdem o ponto agora de cada fragmento do tempo em que vocês existem, em que respiram, em que pensam e desejam e sentem são muito conhecidas daqueles que já despenderam tempo e esforço neste caminho. Também são muito conhecidas neste mundo material pelas escolas psicológicas que procuram descobrir o eu interior. Elas parecem ter pouco a ver com os processos cósmicos e criativos. Hoje em dia, no mundo de vocês, parecem conceitos muito triviais, muito distantes dos tópicos que estamos discutindo. Mas, na verdade, eles têm forte ligação com os processos de que estamos falando. São (1) deslocamento, (2) projeção e (3) negação.

Vou dar exemplos simples de cada um. Vocês poderão usá-los depois em seu trabalho, para novas investigações do eu. Suponham que exista em vocês algo doloroso contra o qual vocês lutam (e todos sabem o quanto lutam). Vocês perdem o ponto agora, por exemplo, através do deslocamento. Um exemplo disso é quando amam muito uma pessoa que provoca mágoa e raiva. Vocês não querem ofender essa pessoa. Se demonstrarem o que sentem, as consequências podem incluir a perda daquela pessoa, de quem precisam e dependem. Isso provocaria uma dor que vocês querem evitar. Apesar disso, a pessoa fez alguma coisa que provocou a dor e a raiva. Reconhecer essa dor também pode destruir uma bolha de ilusão, o que vocês não querem. Talvez a ilusão seja que a pessoa amada deveria ser perfeita e jamais lhes magoar. O objetivo da ilusão é evitar o desprazer (neste caso, a confrontação) e/ou o risco (a possível perda da pessoa amada). Vocês esperam evitar todos os riscos, desconfortos e dores e para isso constroem uma ilusão, gastando nisso muita energia para poderem sustentar essa ficção. No entanto, a energia da dor e da raiva que sentem é muito real e precisa ter algum destino. Outro aspecto da ilusão é que, se não admitirem a dor e a raiva, elas acabarão “indo embora”. O mecanismo pelo qual tentam “resolver” esse problema (muitas vezes tão automático que nem é percebido) é que os sentimentos por essa pessoa amada e importante são

voltados para outra pessoa, talvez por causa de outro problema. Essa outra pessoa pode não significar tanto para vocês; a raiva, a rejeição e a retaliação dela podem ser menos “perigosas”. Ou vocês estão tão seguros do amor, da tolerância e da compreensão dessa pessoa que podem, tranquilamente, jogar essa carga sobre ela. Dessa maneira, “resolvem” o problema de encontrar um canal de vazão para o forte acúmulo de energia, sem comprometer o relacionamento com aquela figura importantíssima da sua vida. A isso eu dou o nome de deslocamento. Além da culpa relativa à desonestidade desse artifício matreiro, também é criada uma falsa realidade. Isso é fácil de ver. Vocês começam a viver num mundo de sua própria autoria, sem nenhuma relação com a realidade. Assim, ficam totalmente inconscientes dos pontos agora fracionários. Não conseguem discernir seu significado ou sua mensagem até terem a disposição de recolocar tudo nos devidos lugares.

Muitos de vocês já avançaram suficientemente no caminho e passaram por diversas experiências quando, encarando sem rodeio as suas mais indesejáveis, desonestas e mesquinhas infrações da verdade, entraram em estado de bem-aventurança, mesmo antes de mudarem aquela parte de vocês, simplesmente por terem lidado honestamente com a questão. A razão é que estão no ponto agora específico da sua falta de verdade, da sua falsidade, da sua negatividade. O deslocamento gera caos e desordem. Gera uma total confusão sobre o que realmente é. Gera um desligamento total do continuum da existência interior. Assim, gera necessariamente medo e fragmentação. O exemplo que dei é muito comum e acontece na vida de vocês com muito mais frequência do que vocês percebem neste momento. Uma ou outra vez, vocês enxergam o deslocamento, mas nem chegam perto de percorrer tudo que há em vocês nesse sentido. Com muita frequência, vocês deslocam algo de uma pessoa para outra, de uma situação para outra. Às vezes, é uma simples questão de comodismo e de resistência habitual para lidar com a situação real. A coisa vem à tona na situação falsa. Com certeza, vocês não poderão chegar ao seu ponto agora permanente, sempre em mudança, sempre em renovação, se não pararem com essa atitude, se não se decidirem por inteiro a enxergar o que estão fazendo e em que medida estão fazendo. A falta de consciência de como estão fazendo isso aumenta ainda mais o problema. No momento em que virem que têm o problema de deslocamento automático, ele já vai diminuir.

Agora vamos falar da projeção. Vocês conhecem um pouco melhor esse mecanismo, mas muitas vezes continuam não vendo que reagem aos outros exatamente porque não querem ver algo em si mesmos. Às vezes a outra pessoa pode, de fato, ter a característica indesejável, embora em outros casos isso não aconteça. Mas seja como for, pouco importa. O que importa é que a energia que deveria ser usada para encarar, confrontar, lidar com o aspecto é mal utilizada e canalizada para a raiva e o aborrecimento com a outra pessoa. Vocês fazem isso porque querem manter uma ilusão sobre si mesmos – ou seja, que não possuem a característica em questão.

A negação, naturalmente, é autoexplicativa. Vocês não deslocam nem projetam aquilo que não querem vivenciar, mas simplesmente procuram negar sua existência. Todos esses procedimentos – ser influenciado pelo passado, viver no futuro, deslocamento, projeção e negação – são tentativas de se afastar do ponto agora, na ilusão de que assim poderão evitar algo que, de certa forma, é desagradável. Vocês criam à força uma nova realidade que não é assentada na verdade. Em essência, isso equivale a usar mal as faculdades criativas. O que realmente conseguem é criar mais fragmentação, mais afastamento do ponto agora nuclear psíquico, com todo o seu glorioso significado e relacionamento com o todo.

O amor de todos os seus amigos que trabalham neste belo empreendimento se dirige a todos vocês. As bênçãos se multiplicarão no seu coração e no fundo de sua mente se vocês se permitirem senti-las. Sejam seu Deus interior.

Os seguintes avisos constituem orientação para o uso do nome Pathwork® e do material de palestras:

Marca registrada / Marca de serviço

Pathwork® é uma marca de serviço registrada, de propriedade da Pathwork Foundation e não pode ser usada sem a permissão expressa por escrito da Fundação.

Direito autoral

O direito autoral do material do Guia do Pathwork® é de propriedade exclusiva da Pathwork Foundation. Essa palestra pode ser reproduzida, de acordo com a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação, mas o texto não pode ser modificado ou abreviado de qualquer maneira, e tampouco podem ser retirados os avisos de direito autoral, marca registrada ou outros. Não é permitida sua comercialização.

Considera-se que as pessoas ou organizações, autorizadas a usar a marca de serviço ou o material sujeito a direito autoral da Pathwork Foundation tenham concordado em cumprir a Política de Marca Registrada, Marca de Serviço e Direito Autoral da Fundação.

O nome Pathwork® pode ser utilizado exclusivamente pelas regionais autorizadas pela Pathwork Foundation